

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n.1, ano 2026

Borboletas Triálogo: a dança dos afetos

Butterflies Trialogue: the Dance of Affections

Mariposas Trialogo: la danza de los afectos

Anamália Thorstenberg Ribas¹

Rodrigo de Sales²

Jacques Moendy Gauthier³

Resumo

Passamos por escrito o triálogo fomentado no âmbito da disciplina *Viver, conviver e gerar Vida em Plenitude: pesquisa sociopoética*, a partir do trabalho realizado em conjunto pelo grupo *Voaterrar Mãestruar*. O triálogo toca vários assuntos que foram debatidos, sentidos e conceituados durante a disciplina – diálogo de três pessoas com visões diferenciadas sobre as incertezas da vida, sobre o Viver em Plenitude informado pelas ideias da Sociopoética e seus confetos, enfatizando o sentir, a contracolonialidade, a gnose, o emocional e o espiritual na pesquisa. Nesse artigo encontra-se o triálogo, imagens da disciplina e a poesia *Transmutar*.

Palavras-chave: diálogos; Viver em Plenitude; Sociopoética; *confetos*.

¹ Especialista em Arte-Terapia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. E-mail: sempreluz75@yahoo.com.br.

² Doutor em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: 0000-0002-8695-9807. E-mail: rodrigo.sales.s@gmail.com.

³ Doutor em Educação. Pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa “Educação intercultural: viver, conviver e gerar Vida em Plenitude” (UFSC/CNPq, 2022-2027). Florianópolis-Brasil. Orcid: 0000-0003-4776-2574. E-mail: jacques.jupaty@gmail.com.

Figura 1 – VoaTerrarMãestruar



Fonte: Elaborado pelas pessoas autoras

Figura 2 – Metamorfose 1



Figura 3 – Metamorfose 2



Fonte: Fonte: Elaborado pelas pessoas autoras

ATR⁴: Olá! Tudo bem? Como você está? Pronto para uma viagem? Então... vamos viajar agora por um lugar colorido... ou... para onde tua mente te leva quando você pensa em cores? Pois é por estes lugares que iremos passear juntos neste texto. Há cores por todos os lugares, de muitas formas, intensidades, texturas, tons e maneiras. Palavras, movimentos, olhares e gestos podem expressar cores. Isso só depende de nossa liberdade de pensar! Nossa habilidade em soltar pensamentos e sensações. Quando o nosso grupo criou uma obra de arte, a soma de todas as nossas partes, somou todas as nossas cores! Sentimos que era possível reunir todos os corações e mentes em um único espaço, espaço de criação. Lugar possível de multiplicidade e que fosse capaz de traduzir no todo cada uma de nossas partes e o inteiro em cada um de nós! Pois a mãe, a terra, o sangue que escorre, a vida que flui como um rio, todos são expressão de força, de luta, de amor e de resistência. O “confeto” que surgiu era como uma linda costura de muitas partes, partes de cada um de nós: árvore, planta, espada, água, águia, onça, fêmea, macho, espiral, medula, coluna, raiz, caule, folha,

⁴ Anamália Thorstenberg Ribas.

fruto, cabelos e o resultado é um emaranhado de um lindo todo decifrado. Mas também e não só...um resultado que proporciona abertura à outros olhares. Esparramados também no outro, fomos percebendo o quanto há de mim em ti, de nós em tudo, do todo em nós. Há cada um de nós em qualquer coisa viva que desejarmos perceber.

Este “confeto” foi se desenhando, e a soma dele trouxe um todo que falava da naturalidade/complexidade da vida e do viver, do modo como estávamos sentindo a experiência de primeiro nos vermos compartimentados e quando nos abraçamos simbolicamente no todo, nós percebemos um – unicidade, unificados, representados em cada parte. Assim é o ser humano, quando consegue se desnudar de si mesmo e permitir que partes externas também falem sobre ele. O “confeto” foi surgindo com uma potência tão divina e livre que até a nós impressionou, o quanto a soltura da entrega permitiu com que cada um se reconhecesse no todo! As cores, texturas, materiais, símbolos e gestos permitiram que algo surgisse com tanta beleza, sem precisar muito planejamento, somente a abertura emocional de cada um, espontânea, ao desejo de ser por si só. E então, todo este colorido da mistura de tantas mentes pensantes, corações pulsantes, sensações à flor da pele, fez nascer *VoaTerrarMãestruar*. Pois a mãe terra, que voa livremente pelos ares, levando vida e trazendo regeneração, sangra e volta gerando mais vida, insiste/persiste em Viver! E porque a palavra “confeto”?

JMG⁵: verdade, é minha responsabilidade explicar de onde vem essa palavra, explicar por que criei na Sociopoética a palavra “confeto”. Pensei primeiro, pela observação, que nas classes populares onde tenho minha ancestralidade, sempre somos muito no afeto, muito emocionados quando pensamos, e não frios como aparentemente são os cientistas, ou as pessoas dentro do seu escritório, atrás do seu computador. Daí, a palavra “confeto”, conceito e afeto juntos. Depois eu soube que os especialistas das ciências chamadas de cognitivas (que estudam como se faz o conhecimento) comprovaram amplamente que todo conceito aparecendo no cérebro humano anda com cores afetivas. Talvez os lógicos e matemáticos puros escapem dessa realidade, quem sabe? Ainda apareceu, mais tarde, a ideia de “intuicetos”, quando criamos misturas de intuição e conceito, uma intuição que temos e que colocamos em palavra, sem poder justificar racionalmente a forte presença dessa intuição. Acontece bastante em assuntos espirituais, e possui uma potência que se impõe a nós. Tudo isso é extremamente lógico ao considerar como se cria o conhecimento realmente inovador.

Na Sociopoética utilizamos as artes como ferramentas de pesquisa e ensino para que as pessoas expressem conteúdos não conscientes sobre o tema-gerador, que elas nem poderiam colocar numa entrevista, apesar de serem de grande importância. É a única maneira de convocar todas as

⁵ Jacques Moendy Gauthier.

capacidades que o corpo tem de conhecer, as quais não se resumem ao que traz o cérebro racional. Usamos o coração, os músculos, os nervos, as veias também para conhecer! E hoje os cientistas mostraram que os assim chamados “cérebro esquerdo” mais racional, e “direito” mais intuitivo, de fato comunicam. Não há clivagem entre intuição e razão! Como não tem entre sensibilidade e raciocínio, nem entre imaginação e organização (Gauthier 2012; 2021; 2024).

No momento de avaliar o que trouxe para nós o curso *Viver em Plenitude*, sinto uma grande responsabilidade. Nem mais, nem menos, trata-se agora de aprender a deixar a Floresta pensar em nós. A Floresta é real e simbólica: real, pois o desmatamento atual e a invasão pelo agronegócio são a continuação de uma política de colonização de 500 anos, que o capitalismo, como aponta notadamente o movimento indígena (com, por exemplo, o pensador Ailton Krenak no seu seio), amplia como destruição planejada da Natureza: um suicídio coletivo da humanidade e do que nos faz humanos. Essa Floresta de que estou falando é igualmente simbólica, no sentido de que a ancestralidade indígena sagrada deve entrar, na medida do possível, em nossos corpos, falas e pensamentos, ou, pelo menos, abrir espaços para as comunidades indígenas expressarem sua sensibilidade, suas experiências e seus saberes nas nossas pesquisas. Concebi a Sociopoética neste sentido. Ela encontra com fluidez o pensamento contracolonial teorizado por Antônio Bispo dos Santos, o quilombola Negô Bispo (Santos, 2015; Santos, 2023; Santos *et al.*, 2022).

ATR: Quando pensamos na Floresta como uma diversidade de potências, de possibilidades de engajamento humano ao todo que ela propicia, somos indiretamente provocados a buscar um sentir. Em suas cores, formas, texturas, cheiros e uma variedade de detalhes. Nossa pele é convidada a interagir, tocar, trocar, aproximar, querer saber... e para isto, é preciso deixar de lado o tal pensamento mecanizado, lógico e estruturado, que sempre busca uma linha reta em que cada ponto reforça o outro. Pois é assim que a angústia humana busca desesperadamente por alguma calma frente aquilo que não sabe explicar, frente ao desconhecido, o que teme ou não controla. O contato com os afetos, o deixar-se afetar, provoca um estranho vazio de vulnerabilidade para um humano em busca de tantas certezas. E ao mesmo tempo que a angústia parece um entrave... ela também está sendo aí – neste momento – o desajuste necessário para a criação e o rever... a falta necessária para a invenção!

Tenho uma vaga lembrança de um comentário de um professor em sala de aula, nos meus tempos de universidade como aluna de psicologia... aquelas coisas que a gente escuta uma vez e nunca mais esquece: “é necessário conflitar, é produtivo atritar, pois só assim as coisas mudam de lugar, alteram forma ou estado de ser... o movimento entre duas partes pode alterar e procurar novos rumos para uma caminhada e sendo assim... o que conseguimos retirar como fruto de conflitos será algo novo”.

Afetar-se é necessariamente colocar-se em risco, e permitir o convite a uma nova configuração, ao rever, propor um revés. E nem sempre o indesejado é completamente ruim, pois se ele surge para desacomodar pode ter o propósito de fazer crescer, regenerar, transmutar. A pele só sente aquilo que permite, o corpo só reverbera o que atravessa. Se o corpo não permite, nada se altera de fato. A corporeidade dos afetos precisa estar na carne, ou corremos o risco de somente divagar e a demagogia nos engolir facilmente com sua retórica “muito bem fundamentada”. O sentido dos afetos é levar em direção a busca, não importa qual seja, ela é alteração espacial de subjetividade. Afetar-se para abrir-se a um todo, mesmo sem saber por onde, como e o que..., mas só deixar ser.

Mas como fazemos isto em nossa cultura? Que caminhos há? Que caminhos percorremos? Percebe, aqui estamos nós novamente querendo respostas de perguntas que nem ao certo sabemos quais são. Como mudar toda uma cultura a partir do sentir? Como alterar os modos de produção já tão engessados e massificados, em dispositivos de criação/libertação? Como libertar o que já parece tão preso? É possível virar tudo de cabeça para baixo e ver como é a visão a partir desta perspectiva?

RS⁶: Propomos, então, uma substituição provisória da palavra “episteme” pela palavra “gnose”. Embora muitos dicionários de filosofia definam episteme e gnose como sinônimos, na prática acadêmica percebemos uma preferência em adotar a palavra episteme como sinônimo de conhecimento científico. Mas não é somente o conhecimento científico que nos interessa aqui. Nos interessam as mais variadas formas de se saber, sentir e conhecer.

A palavra “gnose” vem do grego antigo “gnosis” e significa “conhecimento”, “sabedoria” ou “consciência”, que seria adquirida por meio da espiritualidade, da intuição e da vivência. Esta palavra tem ligação também com a salvação e libertação do indivíduo. Mas não é neste sentido de salvação do indivíduo que queremos aqui falar, mas sim no sentido de um conhecimento intuitivo, espiritual e ancestral que surge a partir da experiência direta. Um conhecimento que não se resume às normas rígidas dos métodos acadêmicos e da ação puramente racional. É um conhecimento que transcende e que é fruto do que se vive na vida. Se trouxermos essa ideia para os dias de hoje, podemos pensar que a gnose é um conhecimento amplo que acolhe elementos diversos que podem vir da ancestralidade, da cultura, da arte, da espiritualidade, da filosofia, do esoterismo, da ciência, ou seja, de tudo que é vivenciado, percebido e sentido.

Para René Guénon (1991), a “gnose” é um tipo de conhecimento superior ao conhecimento racional ou intelectual, é um conhecimento direto, intuitivo e espiritual, alcançado por meio da experiência e da contemplação. Trata-se de uma “sabedoria”, de um conhecimento primordial e,

⁶ Rodrigo de Sales.

principalmente, vivencial, ou seja, um conhecimento que vem da vivência. Na visão de Guénon (1991), a gnose é sinônimo de metafísica e de um saber que se encontra nas tradições espirituais.

Se queremos trazer a espiritualidade para a academia, se queremos enxergar e viver o mundo do conhecimento de forma mais ampla e completa (holística), temos que aprender com quem já faz isso há séculos, temos que aprender com os povos indígenas e quilombolas, que vivenciam seus conhecimentos numa relação profunda com a espiritualidade, com a ancestralidade e com a cultura/natureza em seus territórios. Nesse sentido, entendemos que a gnose é uma forma de sabedoria mais adequada para isso do que a episteme acadêmica. Falamos, portanto, de gnose ao mesmo tempo que falamos de saberes situados nos territórios indígenas.

JMG: Sim, isso lembra o “perspectivismo indígena” segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Aprendemos a sentir o mundo como outros seres vivos o sentem, graças às medicinas da floresta que, de fato, nos curam da nossa parcialidade, do nosso olhar limitado, enquanto todos os seres são ligados e contribuem ao equilíbrio da vida.

Por exemplo, podemos viver um devir-onça, um devir-jiboia, um devir-anta ou um devir-borboleta, ao aprender do espírito desses animais como eles *sentem* o mundo – coisas de que somos incapazes na vida comum, fora dos rituais sagrados. Aqui é interessante colocar uma ponte, uma *confluência* como diria Ailton Krenak (2022), com o pensamento dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, que explicam que um *devir* não é um “se tornar” (Deleuze; Guattari, 2002). Ninguém entre nós humanos se torna onça de verdade, o maior predador da floresta! Mas aprendemos a espreita, o andar flexível e silencioso, o pular repentino, a determinação na luta, o cheirar... e também o descanso verdadeiro. Assim, um devir é a atualização do *poder ser afetado* que existe em cada um/a de nós. Devemos nos curar dessa arrogância de quem tem apenas alguns sentidos bem limitados e pretende mandar à Natureza inteira!

A humanidade de hoje precisa muito dessa cura, e deve aprender a ter respeito e veneração para com outros olhares e sentires. O que vai nos ajudar é a filosofia que rege a Natureza segundo a espiritualidade ancestral e xamânica, a dos quatro elementos. Na Natureza, a Floresta *pensa* através desses elementos. A simplicidade, a responsabilidade, o amor, o respeito ao Mistério e ao sagrado, orientam a luta dos guerreiros e guerreiras que somos. Assim, estudantes e professores/as vão aprender a criar um corpo, no útero da Floresta. Como disse Anamália, privilegiando os afetos dentro do pensamento (ao observarmos uma onça ou uma águia, uma anta ou uma acauã sentimos diferentemente, e aprendemos a “ver” o mundo com outros sentidos), tendo suficientemente vazio no coração para acolher outros e misteriosos jeitos de ser, nos liberamos de certas prisões acadêmicas.

No mundo acadêmico de tradição européia Edgar Morin (1996) trouxe uma ferramenta interessante que ecoa com nossas preocupações de luta amorosa: a teoria do Pensamento Complexo.

Para resumir, a questão é a seguinte: como deixar a Floresta – com sua multiplicidade de afetos que nenhuma teoria monolítica, por mais progressista que se queira, pode abraçar – como deixar os fluxos heterogêneos dos elementos, dos ancestrais, dos espíritos vegetais, minerais e animais pensar em nós, através de nós, confluindo com as criações daqueles cérebros acadêmicos que também somos?

ATR: Quando nos propomos a aproximar-se dos povos originários, para aprender e realmente apreender de fato, nossos corpo e mente se colocam a pensar e sentir, e procurar empatia, procurar colocar-se na pele do que é ser indígena ou quilombola, por exemplo. E nos assustamos quando percebemos o quão similares somos, e nossa tendência é não querer ver essas semelhanças.

Jung fala sabiamente no processo de individuação, em que uma pessoa, na vida real, tenta consciente e deliberadamente compreender e desenvolver as potencialidades individuais inatas de sua psiquê. Como as possibilidades arquetípicas são muito vastas, qualquer processo de individuação deve, com certeza, ficar aquém da realização de tudo o que é inatamente possível (Hall, 2021, p. 32).

Os arquétipos ligados aos povos originários, as formas de ser e expressar a vida e o viver de quem deu início a cultura são formas que para o homem branco parecem inferiores, arcaicas ou ingênuas... o homem branco vive a dualidade entre ser o todo e conseguir alterar absolutamente tudo que ele deseja porque interpreta que ali há necessidade de alteração... ou ser o nada e mergulhar em sua real insignificância frente a imensidão do universo e de todas as coisas as quais ainda não temos resposta nos mistérios da vida e do viver. Para o homem branco ver-se espelhado na figura humana dos povos originários torna-se um tanto desafiador... pois irá inevitavelmente comparar-se e se perguntar sobre as semelhanças e as diferenças entre aqueles seres humanos. Ou seja, irá entrar em conflito, atrito, deslocamento, angústia. Será que será capaz de deixar-se afetar e modificar algo em si?

Nossa tendência egóica é buscar um distanciamento do que é aparentemente tão estranho ou diferente, até porque tudo que parece muito simples, tendemos a desmerecer, culturalmente nos moldamos assim. A academia colabora na construção deste distanciamento, pois ela construiu uma “régua” que baliza a caminhada do processo de ensino/aprendizado acadêmico. Constrói-se verdades/ideias/teorias que o quão mais profundas ou complexas serão, maior valor social terá. E assim tendemos a julgar que somente o que é intelectualmente complexo nas palavras têm valor de construção acadêmica. Sendo assim, esquecemos que fizemos das universidades espaços de segregação, de diferenciação, de castas sociais e culturais, de privilégios de uns em prol de outros. Fator herdado das tradições coloniais.

Quando ouvimos o relato de indígenas tentando estudar na universidade, tentando compreender a literatura à qual precisam recorrer para acessar o conhecimento, e ainda casar seu conhecimento originário, sabedoria da Terra, do viver, com o intelectual das teorias, percebemos o quão sofrido é para os alunos, mas mesmo assim eles não desistem. Seguem na busca de aperfeiçoar-se, aprimorar... aceitaram e desejaram saber sobre o que há na vida e no mundo além da vida de maneira originária, sobre o que a ciência interpretou e descobriu destas forças originárias do viver, e como fomentar mais vida através do conhecimento minucioso da origem de todas as coisas. Percebe-se neste desejo de aprender desses universitários o jogo da luta/amor! Resiliência!

O desejo fortalecido em seguir em frente mesmo com as desumanidades da universidade, frente aos percursos que desejam construir em função de que fizeram seus esforços amorosos e conscientes de aproximarem-se de nós brancos. E nós, como é nosso esforço ao aproximar-se deles? Ouvimos muitos relatos nestas visitas, dos povos originários, do quão muitas vezes se sentem usados, olhados como “objetos de pesquisa”, em que a academia entra e sai de suas terras, investiga, vasculha, expõe, busca e vai embora após. E o que fica para eles? O que realmente podemos chamar de troca? Novamente estamos colonialistas. E novamente estamos com o ego em estado de neurose, sentindo-se ameaçado. Não é à toa que nós definimos como neuróticos! Aproxima-se de um possível espelho que pode ensinar tanto sobre o viver, mas corre de medo do que pode vir afinal a se questionar sobre este viver?

O ego também pode não estar em contato com o processo de individuação como resultado da identificação com papéis oferecidos nas esferas coletivas – ou papéis do inconsciente coletivo, em que o ego se identifica com um arquétipo e se torna arrogante, ou, ainda, aqueles oferecidos no consciente coletivo, os papéis sociais –, tornando-se algo que, por mais valioso que seja, não condiz com o destino individual. A identificação com um papel social (identificação com a persona), mesmo levando em consideração que esse papel seja aceito e bem recompensando por vasto segmento de uma sociedade, não é individuação. Jung considerou que Hitler e Mussolini exemplificaram essa identificação com as figuras oriundas do inconsciente coletivo, a qual conduziu ambos e nações inteiras à tragédia (Hall, 2021, p. 32).

Que bom que na vida dos povos originários, eles não abandonaram de todo a sua sabedoria, a sua ancestralidade e lutam em preservá-la. Positivo que eles ainda alimentam suas origens e passam para os mais jovens os valores relativos ao enraizamento de onde tudo vem e para onde tudo irá... a Terra! Que é uma só, e nunca segrega, ou não teríamos a fluência de quatro estações e as viagens e migrações tão matemáticas de tantas vidas que vão e vem seguindo seu caminho de colaboração com o Viver. Povos indígenas ainda olham para os seus sonhos, porque os sonhos têm serventia. Povos originários se guiam pelas forças da natureza e do ambiente no entorno, as forças da natureza os

gerenciam, em congruência e alinhamento procuram realizar junto e com o que a natureza ensina e guia cada ato/ação/intervenção natural do meio ambiente. Sabe por quê?

RS: O sonho também é uma importante fonte de conhecimento para os indígenas, especialmente para os Guarani. Quando um Guarani sonha e fica pensando nesse sonho ele fala para seus mais velhos e estes, por sua vez, comunicam aos anciões, que levam esse sonho para ser refletido e significado na casa de reza (Opy). Desse sonho surgirá uma mensagem, um saber, um aviso, enfim, um conhecimento Guarani. Sobre os sonhos (Ra'u) eles afirmam:

Vocês jovens devem contar os seus sonhos para os mais velhos dizerem o que é importante saber sobre o que foi sonhado. Quando se sonha, mesmo quando se é uma criança, o sentido do sonho precisa ser entendido [...] quando nós, mais velhos, fazemos uma oração, quando cantamos na opy, falamos com Nhanderu⁷ a respeito de todos os parentes que vivem em Yvy Rupa⁸. Por isso, quando sonhamos, podemos saber o que vai acontecer com as pessoas em outras aldeias (Darella *et al.*, 2018, p. 52).

Escutar, refletir e se envolver com o sonho é algo que as cosmovisões indígenas também podem nos ensinar. A propósito, se “envolver” ao invés de se “desenvolver”, já nos alertava Nêgo Bispo! Se envolver com tudo que se faz e com tudo que se sabe. Nas comunidades Guarani, o envolvimento é tamanho que tudo que se tem é compartilhado, é para todos. É a lógica da economia solidária. Como já dizia Ailton Krenak, o indígena não guarda, ele compartilha. Compartilha até mesmo a responsabilidade do cuidado familiar, pois uma criança Guarani é cuidada por todos da aldeia, e não somente por seus pais.

Deleuze e Guattari (2002) nos falam sobre a necessidade de se territorializar, desterritorializar e reterritorializar para nos tornarmos outra coisa. A territorialização é necessária para que tenhamos o mínimo de proteção, de estabilidade e segurança. Mas mesmo seguros e estáveis temos de nos lançar no mundo incerto e instável do desconhecido, para sermos e conhecermos mais. Eis aí a desterritorialização. Após o contato com o desconhecido, com aquilo que não sabíamos, somos afetados e transformados, e então retornamos para nosso território diferentes, transformados, eis aí a reterritorialização. Se Deleuze e Guattari estavam certos, se realmente temos de ser afetados pelo que ainda não conhecemos para sermos transformados, então por que a universidade não experimenta isso? Não poderia a universidade, a ciência, sair de seu território estável para ser afetada por saberes diferentes e desconhecidos, para assim retornar mais potente? Não poderíamos nos reterritorializar, nos redescobrir com os saberes indígenas?

⁷ Nhanderu é o ser criador supremo na cosmogonia e mitologia Tupi-Guarani.

⁸ Yvy Rupa significa “a base que sustenta a plataforma terrestre”, é a expressão utilizada pelo povo Guarani para designar a sua concepção de território e a organização do mundo.

JMG: Sim, o nosso desafio é introduzir, como você apontou com a noção de “gnoseologia”, a espiritualidade na pesquisa. Na academia já existem olhares desse jeito, como Paulo Freire na educação, Anibal Quijano na filosofia ou bell hooks nas teorias feministas e antirracistas (interessante, o fato de que essa amiga espiritual recusa as maiúsculas no seu nome em obras que publicou, sentindo-se a expressão de uma luta amorosa coletiva, e não individual: tudo a ver com a Sociopoética!) Trata-se de fazer confluir essa corrente crítica e criativa com o pensamento da Floresta, diretamente vindo das comunidades indígenas e quilombolas, que chamamos de contracolonial ao seguirmos o quilombola Negô Bispo ou o indígena Ailton Krenak. O que une numa *transfluência* essas correntes é a luta. Existe um encontro transcultural nas dinâmicas da luta pelas terras, pela natureza e pela dignidade, que tocam cada um, cada uma de nós. O desafio é escrevermos juntos uma história radicalmente nova a partir de lutas comuns. Pensar é assunto de vento, de águas, de terra e de fogo. Nossos corpos-espíritos estão atravessados por essas energias. Talvez seja isso a *transculturalidade*.

Trazemos a alegria na academia, e também, vejam bem: estamos atravessados pelas energias ancestrais da Natureza, que fluem de um corpo para outro e se juntam num conjunto maior, num corpo coletivo cujo modelo é o corpo indígena ou negro dançando nos seus rituais sagrados. O dispositivo sociopoético de pesquisa propõe a criação de tal corpo coletivo em pesquisas decoloniais (que desconstroem o olhar acadêmico de dominação) e contracoloniais (que, do exterior da academia, criam um outro jeito de fazer-ciência, de criar o conhecimento), gerando assim um ser coletivo emergente que potencializa cada um/a de nós.

Para quem precisa de referências acadêmicas bem instituídas no mundo intelectual eurodescendente, isso foi teorizado do seu jeito por Gilbert Simondon (2005) – referência fundamental para nossos amigos Deleuze e Guattari (1997; 2010), através do conceito de “transdução” na busca nunca acabada de novas formas de individuação... Gosto demais do exemplo que ele toma da visão em relevo que nós humanos temos: um olho vê de maneira um pouco desafinada em relação ao outro. Se não fosse, tudo seria plano! Assim, a heterogeneidade dos sentire e perceberes (a Floresta entrando em *confluência* com a academia crítica) cria um mundo mais intenso... um mundo onde estamos conduzidos, induzidos a nos trans... mutar!

De maneira mais geral, concordo com você, Rodrigo: encontramos na obra de Deleuze e Guattari, principalmente em *Mil Platôs*, os conceitos de “linhas de fuga”, “devir”, “terra, território e desterritorialização”, que ecoam de maneira muito instigante com as vivências que temos junto a povos indígenas e afrodescendentes. Não se trata de opor frontalmente um território ancestral indígena ou afrodescendente à territorialidade acadêmica, e sim de criar um novo “agenciamento coletivo de enunciação” – digamos para simplificar, um novo “modo de falar-juntos” que poderíamos chamar de “nômade”, a partir dos nossos novos corpos-espíritos: fluxos passam a fronteira entre as

comunidades tradicionais e a academia... para criar um novo mundo, comum e filho ou neto da Floresta. Criam-se assim modos inéditos de sentir, pensar, falar, e sem dúvida, agir.

Até estamos em posição de ampliar a maneira que esses autores têm de problematizar a existência, logo, de elaborar problemas filosóficos, pois lhes faltou uma imersão espiritual nos encantos da Floresta, um ângulo de visão que a convivência com o espírito da águia, da coruja, da harpia, da acauã ou do beija-flor lhes teria dado (Deleuze está no limiar da “visão” espiritual em *Critique et Clinique*, no capítulo em que comenta a quinta parte da *Ética* de Spinoza que trata da liberdade humana.)

RS: No início do curso que fizemos, minha palavra e meu sentimento era de “justiça”, representado pela chave de Xangô (o Orixá da justiça). Após o percurso de todas as dinâmicas que lá tivemos, a palavra-valor que em mim ficou foi “terra”. Eis a transformação que me ocorreu: de “justiça” para “terra”. Estaria a justiça na terra? No território? No saber situado? Na terra ancestral? A ideia de terra esteve presente o tempo todo, desde a criação de nossa arte-imagem (*VoaTerrarMãestruar*), com a mãe-terra menstruando e gerando a vida, até o fim, quando para a terra nossa arte-imagem retornou, num ritualístico enterro real.

JMG: A “compaixão” foi minha palavra de chegada, pois para mim é insuportável ver um ser sofrer e o único jeito é de abrir o coração e mobilizar energias de cura. Durante o curso e após as visitas em terra Guarani e no Quilombo encontrei as palavras “amor” e “beleza”. Companheiras das lutas, que são também, do nosso jeito, nossas lutas.

Observando a imagem criada pelo grupo-pesquisador *VoaTerrarMãestruar* vejo uma alegria pacífica, compartilhada entre a onça e sua mãe, os personagens estando integrados na Natureza, das águas uterinas até a copa das árvores, com a cobra, rainha das transmutações, no eixo do corpo. “Lutar é Amar”, diz a espada de Iemanjá.

Assim é a luta da Floresta, e de maneira mais ampla, da Terra. Fiz associação com o Dragão no Extremo-Oriente que surge do fundo das águas até trazer para nós a chuva fecunda do alto do céu. Obviamente, não posso deixar de pensar na Jiboia Huni Kuin que trouxe aos humanos as medicinas sagradas.

ATR: Percebem o quão curiosa e surpreendente está sendo nossa costura?! Quantos inconscientes conversando, quantos tempos e culturas se encontrando, quantos seres e modos de viver se entrelaçando, quantas culturas se afetando, misturando e recriando. As minhas palavras no nosso trabalho de grupo foram “Fênix” e “Harpia”. Pois estes dois símbolos representam o quanto estamos intencionando e desejando grandes mudanças na cultura através e com a educação, transformações para a produção intelectual universitária, que ela possa transcender o campo universitário, como quem realmente se propõe a olhar com olhos de Harpia/Águia. Olhar um todo

real de fato! O quanto muitos seres já lutam por isto dentro da universidade há muito tempo e qual o alcance destas lutas e os reflexos em nossa cultura? Qual o real alcance nestas lutas nas mudanças na formação acadêmica, para que este profissional possa estar de “pés descalços” no território do aprendizado. O quão estas “teimosias”, que são resistências políticas, dos intelectuais que lutam, nas linhas de frente, são positivas para nossas lutas coletivas! A Fênix fala destas transmutações, desta necessidade dos modos de aprendizado saírem voando mais para fora das salas de aula, dos laboratórios, dos campos universitários e possam ir em direção aos campos reais de produção de conhecimento/subjetividade originário, o voltar às origens, voltar no ponto o qual nos perdemos enquanto cultura, ou seja, voltar aos territórios da ancestralidade – sabedoria primeira.

Com certeza, como pergunta Rodrigo, podemos sim nos reterritorializar se formos em busca disso, se nos dispusermos a este desafio, sem medos, sem gesso, dispostos e retirar vendas, olhar a olhos nus... exercício difícil ao humano, mas não impossível. Ou, olhando com olhos de Harpia, afinal ela olha estrategicamente, calcula fatores, calcula o ataque, de maneira sutil e pontual. Olhar do alto... nas alturas podemos ver um todo... e seus enlaces, fios e conexões... somente do alto é possível ver um inteiro, ampliando lentes. E quando a Fênix busca através do fogo refazer, virar cinzas e depois alçar voô novamente refeita, ela foi ressignificar, ela foi encontrar o morrer e fazer mais vida após morrer, pois afinal, é possível transmutar. Ela foi *VoaTerrarMãestruar*. Assim como muitas flores nascem em meio a pedras, muitas plantas surgem em meio ao concreto, simplesmente porque recebem água, luz, e micro forças naturais de vida, tantas vezes invisíveis. Afinal... já dizia o químico Antoine Lavoisier: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Existe vida na morte e morte na vida a todo o instante, nós humanos só perdemos a sensibilidade no perceber e estamos acordando aos poucos para fazer um novo caminho.

A Harpia está reunida com esta egrégora de forças, símbolos, signos e arquétipos pelo fato de que ela voa alto, ela é generosamente alta, possui patas imensas e uma capacidade incrível de estar no mundo e provocar mudanças com destreza e habilidade, pois assim também se luta! Vê de cima! Habilidades essas, ainda em treinamento para nós – demasiadamente humanos. Ainda estamos brincando de aprender a ser humanos, inventando tantas necessidades. Temos uma criatividade infinita ao ponto de criar qualquer coisa pensada, imaginada. Há maior poder do que este? O que estamos fazendo com este poder incrível? Inventamos o drone para ver de cima? Que tipo de olhar/ver é este? Um sentir através de telas? Será possível? Há aí um “confeto”?

O ambientalista e escritor Ailton Krenak (2022) critica a ilusão de progresso e a separação entre humanidade e natureza. O autor vem trazendo constantemente em suas falas e escritos a percepção de que vivemos um autoengano ao achar que podemos construir o planeta infinitamente afastados da lógica natural da mãe Terra, pois tratamos a natureza e o próprio tempo como produtos

descartáveis e abusamos da diversidade e abundância que as forças naturais nos mostram. O autor reforça que voltar às origens significa recuperar e escutar atentamente o natural e comum do viver.

Somos, enquanto cultura, como um grande espiral, assim como a jibóia dançante, vamos avançando em círculos que sobem e descem, hora evoluem e hora retrocedem, porque para avançar de fato é necessário transmutar – brincar de morrer! Na visão de Krenak (2022) precisamos reconhecer nosso parentesco com os elementos vivos da natureza, como rios e montanhas, animais e vegetais, pois somos parte de um corpo coletivo. Inventamos enquanto humanos um valor de utilidade para a vida que foi desnecessário e sendo assim perdemos o real valor da vida e do viver. Quando Krenak (2022) ressalta: “o futuro é ancestral”, ao invés de uma caminhada linear e formatada em aumento de necessidades... ele quer dizer que as respostas para a crise global estão naquilo que já cultivávamos e que abandonamos – a harmonia, o respeito ao viver, o respeito ao ciclos da natureza.

VoaTerrarMãestruar: o quão o voar e aterrar constantemente, ir e vir na valsa do criar, nos faz retornar-menstruar tantos nascimentos de tantas intensidades ao ponto de criar com muito mais sabedoria e sincronicidade com a vida real! Ou seja, transmutar poderia ser o nosso movimento natural no viver – nascer e morrer – sincronizados em harmonia!

Transmutar

*Na confluência do vento e da pedra,
Do rio e do sol,
Nos ventos cuja moradia é uma rocha
Que sussurra segredos ancestrais,
Nos rios que desembocam no sol
E nos sóis surpreendidos dançando no rio,
Tantas palavras a inventar,
Palavras
Que melhoram o viver
Juntos,
Com justiça,
Palavras de luta pelo amor
Amor, que ora um rezo gemido
Grunhido de bicho da mata encantada
Luta que insiste e persiste pois quer transbordar
Viver de forma intensa, mas sem perder detalhes
Respirar todo o ar, mesmo que amargo
Ressignificar para então desdobrar
Recolher, encolher, meditar para depois abrir asas e voar
Inspirar sem pirar, pois, é do intenso bucólico e sombrio que se pode fazer arco-íris de intenções
Nada melhor que o nada, o oco, um imenso vazio que se pode sentir e pensar qualquer coisa
Aleatoriedade da liberdade...*

*Às vezes é tempestade,
Explode de raiva o coração
Pelos massacres e pela escravidão,
Explode seu sangue em mil sóis
Para resgatar todas as cachoeiras escondidas
Nos passos do vento,
Oxum, Iansã!*

Figura 4 – Metamorfose



Fonte: banco de imagens da autora Anamália T. Ribas

Referências

- DARELLA, M.D.P. *et al.* (org). **Tape mbaraete anhetengua**: fortalecendo o caminho verdadeiro. Florianópolis, 2018.
- DELEUZE, G. **Critique et clinique**. Paris: Minuit, 1993.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Acerca do ritornelo. *In*: DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V. 4. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 100-149.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 2010.
- GAUTHIER, J. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: Editora CRV, 2012.
- GAUTHIER, J. (org). **A Borboleta Cuidamor Ambiental**: uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa. Recife: UECE, 2021.

GAUTHIER, J.M. **Sociopoética e contracolonialidade**: relatos de pesquisa e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos de tradição ocidental. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

GUÉNON, R. **O rei do mundo**. Coimbra: Edições 70, 1991.

HALL, J.A. **Jung e a interpretação dos sonhos**: um guia prático e abrangente para a compreensão dos estados oníricos à luz da psicologia analítica. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

HENRIQUES, J.G. Antônio Bispo dos Santos: “Contra-colonizar é contrariar e não sentir a dor que esperam que sintam”. **Público**, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/10/28/culturaipsilon/noticia/antonio-bispo-santos-contracolonzar-contrariar-nao-sentir-dor-esperam-sintam-1936929>. Acesso em: 21 jun. 2026.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, b. **Escrever além da raça**: teoria e prática. São Paulo: Elefante, 2022.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITTMAN, D.F. (org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.]

SANTOS, B.A. dos (Nêgo Bispo). **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI-UnB-INCT-CNPq- MCTI, 2015.

SANTOS, B.A. dos (Nêgo Bispo) dos *et al.* **Quatro cantos**. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

SANTOS, B.A. dos (Nêgo Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SIMONDON, G. **L’individuation à la lumière des notions de forme et d’information**. Grenoble: Ed. Jérôme Millon, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

Agradecimentos

Agradecemos com muito carinho às comunidades que nos acolheram durante nossa jornada sociopoética inter e transcultural, a todas as pessoas que se dispuseram a nos receber em seus espaços de vida, socialização e aprendizado. Fomos sempre recebidos com muito carinho e respeito e convidados a entender e vivenciar as práticas do modo de viver e ver a vida destas comunidades que visitamos. Agradecemos a todos os professores envolvidos na construção da experiência de aprendizado desta disciplina, que proporciona um convite para uma ruptura na lógica do ensino-

aprendizado pois envolve emocionalmente o aluno no sentir do aprender, proporcionando assim um mergulho mais intenso onde o aprendizado envolve experienciar para realmente alterar um modo de ver, sentir ou perceber o entorno do viver e como nós – homens brancos – podemos nos apropriar melhor dos saberes da terra e voltar-se para nossas origens e raízes de maneira genuína. Agradecemos a Universidade Federal de Santa Catarina por propiciar o espaço físico para a realização desta aventura. E aos dias de sol e beleza que nos fizeram aproveitar ainda mais e melhor o sentir das experiências propostas.

Abstract

This article presents the trilogue fostered within the course *Living, Coexisting and Generating Life in Fullness: Sociopoetic Research*, based on the collaborative work carried out by the *Voaterrar Mãestruar* group. The trilogue addresses several themes that were debated, felt, and conceptualized during the course – a dialogue between three people with differing views on the uncertainties of life, on Living in Fullness as informed by the ideas of Sociopoetics and its *confetos* (concepts-affects), emphasizing the act of feeling, counter-coloniality, gnosis, the emotional and the spiritual dimensions of research. This article includes the trilogue, images from the course and the poem *Transmutar* (Transmute).

Keywords: dialogues; Living in Fullness; Sociopoetics; *confetos*.

Resumen

Este artículo presenta el triálogo gestado en el marco del curso *Vivir, coexistir y generar Vida en Plenitud: investigación sociopoética*, basado en el trabajo colaborativo realizado por el grupo *Voaterrar Mãestruar*. El triálogo aborda diversos temas debatidos, sentidos y conceptualizados durante el curso: un diálogo entre tres personas con visiones diferentes sobre las incertidumbres de la vida, sobre el Vivir en Plenitud desde las ideas de la Sociopoética y sus *confetos* (conceptos-afectos), haciendo hincapié en el sentir, la contracolonialidad, la gnosis y las dimensiones emocional y espiritual de la investigación. Este artículo incluye el triálogo, imágenes del curso y el poema *Transmutar*.

Palabras clave: diálogos; Vivir en Plenitud; Sociopoética; *confetos*.